

## **Processo de Criação – Primeiridade, Segundidade e Terceiridade**

---

**Trecho do livro da Lúcia Santaella - O que é semiótica?**

### **ABRIR AS JANELAS: OLHAR PARA O MUNDO**

Não há nada, para nós, mais aberto à observação do que os fenômenos.

Entendendo-se por fenômeno qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que apareça, seja ela externa (uma batida na porta, um raio de luz, um cheiro de jasmim), seja ela interna ou visceral (uma dor no estômago, uma lembrança, uma expectativa ou desejo), quer pertença a um sonho, ou uma idéia geral e abstrata da ciência, a fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano.

A fenomenologia peirceana começa, pois, no aberto, sem qualquer julgamento de qualquer espécie: a partir da experiência ela mesma, livre dos pressupostos que, de antemão, dividiriam os fenômenos em falsos ou verdadeiros, reais ou ilusórios, certos ou errados. Ao contrário, fenômeno é tudo aquilo que aparece a mente, corresponda a algo real ou não.

Suportada por esse modo de partir em estado de liberdade, a fenomenologia tem por tarefa, contudo, dar à luz as categorias mais gerais, simples, elementares e universais de todo e qualquer fenômeno, isto é, levantar os elementos ou características que pertencem a todos os fenômenos e participam de todas as experiências.

A tarefa não é fácil. As coisas, quando nos aparecem, surgem numa miríade de formas, enoveladas numa multiplicação de sensações, além de que tendem a se enredar às malhas das interpretações que inevitavelmente fazemos das coisas. Dizia Peirce:

*"A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organizá-las em disposição ordenada, recolocá-las em processo".*

Trata-se, portanto, de um estudo que, suportado pela observação direta dos fenômenos, discrimina diferenças nesses fenômenos e generaliza essas observações a ponto de ser capaz de sinalizar algumas classes de caracteres muito vastas, as mais universais presentes em todas as coisas que a nos se apresentam.

Nessa medida, são três as faculdades que devemos desenvolver para essa tarefa:

- 1) à capacidade contemplativa isto é, abrir as janelas do espírito e ver o que esta diante dos olhos;
- 2) saber distinguir, discriminar resolutamente diferenças nessas observações;

3) ser capaz de generalizar as observações em classes ou categorias abrangentes.

A princípio, Peirce tentou estabelecer suas categorias a partir da análise material dos fenômenos (por exemplo: como coisas de madeira, de aço, de carne e osso etc.), mas a diversidade infinita da materialidade das coisas fê-lo abandonar este ângulo de sua empresa, empreendendo seu caminho pelo lado formal ou estrutural dos fenômenos.

O que quer isso dizer? Apesar de apresentar uma atitude de retorno à experiência mesma que temos do mundo, apesar de partir da observação acurada dos próprios fenômenos, Peirce chega às suas categorias através da análise e, do atento exame do modo como as coisas aparecem à consciência. Que razão pode haver para que um cientista, treinado em laboratório, cuja aptidão para as ciências positivas era de um raro teor, devesse começar pela análise dos fenômenos mentais?

Foi através da observação direta dos fenômenos, nos modos como eles se apresentam a mente, que as categorias universais, como elementos formais do pensamento, puderam ser divisadas. Pela acurada e microscópica observação de tudo o que aparece, Peirce extrai os caracteres elementares e gerais da experiência que tornam a experiência possível. Desse modo, sua pequena lista de categorias consiste de concepções simples e universais. Elementares porque são constituintes de toda e qualquer experiência, universais porque são necessárias a todo e qualquer entendimento que possamos ter das coisas, reais ou fictícias.

A 14 de maio de 1867, depois de três anos que, muito mais tarde, Peirce confessou, em várias cartas, terem sido os anos de maior esforço intelectual de toda sua vida, esforço mal interrompido sequer para o sono, vieram a luz, num artigo intitulado "*Sobre uma nova lista de categorias*", suas três categorias universais de toda experiência e todo pensamento.

Considerando experiência tudo aquilo que se força sobre nós, impondo-se ao nosso reconhecimento, e não confundindo pensamento com pensamento racional (deliberado e autocontrolado, pois este é apenas um dentre os casos possíveis de pensamento, Peirce conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência.

Em 1867, essas categorias foram denominadas:

1) Qualidade; 2) Relação e 3) Representação. Algum tempo depois, o termo Relação foi substituído por Reação e o termo Representação recebeu a denominação mais ampla de Mediação. Mas, para fins científicos, Peirce preferiu fixar-se na terminologia de Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, por serem palavras inteiramente novas, livres de falsas associações a quaisquer termos já existentes.

Mais à frente, demonstraremos, através de várias exemplificações, o caráter e funcionamento dessas categorias na consciência. Antes, porém, que alertemos para alguns pontos que nos parecem importantes.

O resultado a que Peirce chegou nesse estudo de 1867 não foi imediatamente visto com bons olhos nem mesmo por seu próprio autor. Parecia-lhe fantasia absurda e detestável reduzir toda a multiplicidade e diversidade dos fenômenos ao número três e, sobretudo, a

uma gradação de 1, 2, 3. Apesar dos três anos mal interrompidos para o sono que esse estudo havia me exigido, apesar de seu profundo conhecimento de grande parte da história da filosofia, apesar de saber a Crítica da Razão Pura de cor, nada naquele momento parecia demove-lo do descredito em que ele próprio havia colocado suas categorias.

## **Categorias do pensamento e da natureza**

Dezoito anos mais tarde, Peirce escreveu um outro artigo, até hoje parcialmente inédito, com o seguinte título: "*1, 2, 3, Categorias do Pensamento e da Natureza*". Com isso, as categorias universais ou elementos do pensamento, dezoito anos antes descobertas pela análise lógica do fenômeno mental, eram agora estendidas para toda a natureza. Isso significa que aquelas mesmas categorias, por ele desmerecidas muitos anos antes, voltavam agora com maior vigor. Ou Peirce permaneceu fiel à sua obsessão ou sua obsessão lhe permaneceu fiel.

Entre 1867 e 1885, repetidamente Peirce encontrou, nas ciências da natureza e do pensamento, confirmações independentes que corroboravam suas três idéias. A tríade estava continuamente aparecendo na lógica e nas ciências especiais, primeiro na psicologia, então na fisiologia e na teoria das células, finalmente na evolução biológica e no cosmos físico como um todo.

Em 1890, Peirce escreveu: A importância das categorias chegou a minha casa originalmente no estudo da lógica, onde elas são responsáveis por partes tão consideráveis que fui levado a procurá-las na psicologia. Encontrando-se, também, não pude evitar me perguntar se elas não entravam na fisiologia do sistema nervoso. Orientando-se um pouco sobre hipótese, consegui detectá-las lá... Não tive dificuldades em seguir o conduto dentro do domínio da seleção natural; e uma vez atravessado esse ponto, fui irresistivelmente carregado para especulações com respeito à física.

Em suma: a aplicação das categorias do pensamento a natureza não foi uma determinação imposta pela descoberta num campo que passou a ser arbitrariamente aplicada a todos os demais, nem ocorreu gradualmente por imperceptíveis mudanças de visão. Ao contrário, foi o resultado de uma série de saltos relacionados de um campo ao outro, culminando num salto especulativo de caráter cosmológico. No fim de sua vida, Peirce estava se movendo na direção de uma cosmologia evolucionista que tinha na mente sua categoria explanatória principal. Chegar a essa lúcida adivinhação cosmológica foi para Peirce, no entanto, uma longa viagem.

Sua precaução natural, reforçada pelo temperamento científico, levou-o a trabalhar 30 anos em busca de verificação empírica para suas categorias nos mais diversos campos. Nessa medida, seu conjunto de categorias extraídas da análise lógica do pensamento não deveria, segundo ele, ser aplicadas a todos os seres, antes que cada categoria tivesse sido empiricamente verificada. Ou, conforme ele diz: na minha opinião, cada categoria tem de se justificar através de um exame indutivo do que resultará dotar a categoria apenas de uma validade aproximativa.

Só depois de ter comprovado a universalidade de aplicação das categorias, Peirce se julgou apto a erigir seu sistema filosófico, cuja base estaria num livro infelizmente inacabado,

Uma Adivinhação para o Enigma (1890), e cujo argumento se desenvolve através do exame das três categorias aplicadas de um campo a outro: da lógica a psicologia, desta a fisiologia até o protoplasma ele mesmo, então do domínio da seleção natural até a física.

Por curiosidade, passarei a sintetizar os diferentes caracteres ou matizes que suas categorias adquirem nos diferentes campos a que se aplicam:

1) Na *teoria do protoplasma*: as propriedades do protoplasma são como se segue: contração, irritabilidade, automatismo, nutrição, metabolismo, respiração e reprodução. Essas propriedades, no entanto, podem ser condensadas sob três grandes eixos: sensibilidade, movimento e crescimento. Numa antevisão monumental das atuais teorias biológicas, sua teoria molecular do protoplasma repousa na afirmação de que a consciência pertence a todo protoplasma e não pode ser explicada mecanicamente. Com isso, Peirce afirma que a vida se desenvolve através da interação dialética entre acaso e desígnio, palavras dele que antecedem de quase um século o título do polêmico livro de Jacques Monod: *Acaso e Necessidade*.

2) Na *teoria da evolução*: há três modos de evolução operativos de maneira interdependente no universo: 1) o que envolve acaso e pura espontaneidade, ligado à teoria darwiniana da evolução por variações acidentais e destruição das espécies cuja habilidade de se reproduzir torna-se frágil; 2) evolução ligada a teoria dos cataclismos, ou seja, devida a mudanças súbitas no ambiente externo e a ruptura de hábitos; 3) associada com a teoria de Lamarck, evolução através do efeito do hábito.

3) Na *fisiologia*: mais especialmente, na fisiologia da atividade cerebral. Esta pode ser sintetizada do seguinte modo: a ação nervosa que subjaz ao processo do pensamento divide-se em três grandes estágios: 1) excitação nervosa, seja periférica ou visceral, que se espalha de gânglio a gânglio; 2) ação reflexa repetitiva ou descarga neuronal, adaptada para remover a excitação; 3) estabelecimento de passagens neuronais, ou a fixação de hábitos ou crenças. Note-se que hábitos ou crenças devem ser entendidos aqui como composições neuronais que tendem a se fixar, ou seja, entendidos num sentido fisiológico que certamente produz efeitos psicológicos e comportamentais. Para Peirce, uma criança se alicerça e se aloja fisiologicamente, como um hábito cerebral que determinara o que faremos na fantasia assim como na ação concreta.

Desse modo, nossos hábitos estão incorporados na fisiologia dos nossos cérebros de modo que eles estruturam nossos comportamentos de maneira a torna-los não mais espontâneos ou cegos. No entanto, a espontaneidade e o acidental coexistem junto ao hábito e a sua revelia.

4) Na *física*: 1) Acaso, 2) Lei e 3) Tendência ou propensão a assumir hábitos. Note-se que a primeira categoria incorpora a indeterminação do acaso no mundo físico e que, para Peirce, as leis são sempre contingentes, ou melhor, fatos de observação e, como tal, contingentes, visto que toda observação contém um traço de inexatidão. Nessa medida, as leis da natureza não são vistas como absolutas e invariantes. Há espaço para o crescimento contínuo (3º) e para acaso genuíno (1º).

Como se pode ver, as categorias fundamentais, encontradas no pensamento e descobertas pela análise reflexiva dos fenômenos, estão também presentes na natureza

básica de todas as coisas, sejam elas físicas ou psicológicas. Observe-se, contudo, que essas categorias são as mais universalmente presentes em todo e qualquer fenômeno. Como tal, são conceitos simples aplicáveis a qualquer objeto. Não excluem, portanto, a variabilidade infinita de outras tantas categorias particulares e materiais, passíveis de serem encontradas nos fenômenos.

Tratam-se, pois, de idéias tão amplas que devem ser consideradas mais como tons ou finos esqueletos do pensamento e das coisas do que como noções estéticas e terminais. Ao contrário, são dinâmicas, interdependentes e, a cada campo em que se aplicam, apresentam-se nas modalidades próprias daquele campo. O que se mantém em todos os campos e o substrato lógico dos caracteres de 1°, 2° e 3°.

Para se ter uma idéia da amplitude e abertura máxima dessas categorias, basta lembrarmos que, em nível mais geral, a 1° corresponde ao acaso, originalidade irresponsável e livre, variação espontânea; a 2° corresponde a ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais, enquanto a 3° categoria diz respeito a mediação ou processo, crescimento contínuo e devir sempre possível pela aquisição de novos hábitos. O 3° pressupõe o 2° e 1°; o 2° pressupõe o 1°; o 1° é livre. Qualquer relação superior a três é uma complexidade de tríades.

Como exemplificação mais detalhada dessas categorias, escolhemos o campo das manifestações psicológicas, isto porque, neste campo, estaremos nos referindo aos elementos ou categorias de um fenômeno que é o mais perfeitamente familiar a todas as pessoas, visto que faz parte integrante de nossa vivência cotidiana, assim como das experiências que fazem de nos seres humanos, acordados ou sonhando.

Com isso, qualquer leitor estará apto a julgar e conferir por si mesmo, no cotejo com suas próprias observações, a validade dessas noções de 1°, 2° e 3°.

Notemos, contudo, o fato de que essas categorias não são psicológicas. Foram, ao contrário, extraídas da análise mais rigorosamente lógica do que aparece no mundo. Por outro lado, não estamos também aí lidando com metafísica, mas com lógica apenas. Ouçamos Peirce:

*"Não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossa vida. Analiso a experiência, que é a resultante de nossa vida passada, e nela encontro três elementos. Denomino-os categorias. São, portanto, categorias lógicas que aqui aplicaremos ao campo das manifestações psicológicas não só porque, como tal, as categorias se nos apresentam como coisas vivas e vividas, mas também porque, a partir disso, tornar-se-a claro por que, para nós, o mundo aparece e se traduz como linguagem, fundamento de toda a Semiótica".*

### **Qualidade de sentimento... conflito... interpretação**

Exemplificar as categorias como manifestações psicológicas significa examinar os modos mais gerais conforme os quais se dá a apreensão dos fenômenos na consciência. Para tal, esclareçamos o que Peirce entende por consciência.

Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as idéias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência. Aquela que está próxima da superfície. Sobre essa camada, porque superficial, podemos exercer autocontrole e também, porque superficial, é a ela que nossa autoconsciência está atada. Daí tendermos a confundir consciência com razão. No entanto, se bem que a razão seja parte da consciência, ela não compõe, nem de longe, o todo da consciência.

Apesar de não restringir consciência à razão, isto não significa que Peirce menosprezasse a razão. Sua lógica se propõe como sendo um método científico para orientar o raciocínio. Sua lógica se estrutura, portanto, como a criação de instrumentos científicos para auxiliar e ampliar o poder da razão. Contudo, sua noção de consciência é ampla, dinâmica, em alguns aspectos próximos dos estudos da estrutura psíquica em Freud e mais próxima ainda da noção de consciência que as atuais pesquisas do cérebro estão nos dando.

Confirmamos com Peirce: Tal era o dictum da velha psicologia que identificava a consciência com o ego, declarava sua absoluta simplicidade e mantinha que suas faculdades eram meros nomes para divisões lógicas da atividade humana. Isso tudo era a mais pura fantasia. A observação dos fatos agora nos ensinou que o ego é uma mera onda na consciência, um traço pequeno e superficial; ensinou-nos ainda que a consciência pode conter diversas personalidades e é tão complexo quanto o cérebro ele mesmo, e que as faculdades, embora não absolutamente fixáveis e definíveis, são tão reais quanto o são as diferentes circunvoluções do cérebro.

Ao levar o rigor científico ao máximo de suas possibilidades, Peirce acaba encontrando, pelas vias do Ocidente, uma concepção de consciência que se aproxima muito mais da filosofia oriental do que de qualquer um dos sistemas filosóficos que o mundo ocidental produziu. Desse modo, tomando-se consciência como um todo, nada há nela senão estados mutáveis. O que chamamos racionalidade sofre, a todo o momento, a influência de interferências fora do nosso controle.

As interferências são internas, isto é, as que vêm das profundezas do nosso mundo interior, e externas, as que dizem respeito às forças objetivas que atuam sobre nós. Essas forças vão desde o nível das percepções que, pelo simples fato de estarmos vivos, nos inundam a todo instante, até o nível das relações interpessoais, intersubjetivas, ou seja, as relações de amizade, vizinhança, amor, ódio etc., encontrando ainda as forças sociais que atuam sobre nós: as condições reais de nossa existência social, isto é, as relações formais de classes sociais que variam de acordo com as determinações históricas das sociedades em que se vive.

A partir disso, podemos nos aproximar de suas categorias que são, para ele, os três modos como os fenômenos aparecem à consciência. Contudo, que não se entenda essas categorias como entidades mentais, mas como modos de operação do pensamento-signo que se processam na mente. Assim sendo, consciência não é tomada como uma espécie de alma ou espírito etéreo, mas como lugar onde interagem formas de pensamento. As categorias, portanto, dizem respeito às modalidades peculiares com que os pensamentos são enformados e entretecidos. Enfim: camadas interpenetráveis e, na maior parte das

vezes, simultâneas, se bem que quantitativamente distintas.

Essas três categorias irão para o que poderíamos chamar três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno. Certamente ha infinitas gradações entre essas modalidades. Elas se constituem, no entanto, nas modalidades mais universais e mais gerais, através das quais se opera a apreensão - tradução dos fenômenos. Senão vejamos:

## **Primeiridade**

Se fosse possível parar, para examinar, num determinado instante, de que consiste o todo de uma consciência, qualquer consciência, a minha ou a sua, isto é, de que consiste esse labiríntico "*lago sem fundo*", num instante qualquer em que é o que é, por que é tudo ao mesmo tempo, repito, se fosse possível parar essa consciência no instante presente, ela não seria senão presentidade como está presente. Trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) *in totum*, indivisível, não analisável, inocente e frágil.

Tudo que esta imediatamente presente à consciência de alguém e tudo aquilo que está na sua mente no instante presente. Nossa vida inteira está no presente. Mas, quando perguntamos sobre o que está lá, nossa pergunta vem sempre muito tarde. O presente já se foi, e o que permanece dele já esta grandemente transformado, visto que então nos encontramos em outro presente, e se pararmos, outra vez, para pensar nele, ele também já terá voado, evanescido e se transmutado num outro presente.

O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz a nossa consciência imediata, mas é também paradoxalmente justo aquilo que se oculta ao nosso pensamento, porque para pensar precisamos nos deslocar no tempo, deslocamento que nos coloca fora do sentimento mesmo que tentamos capturar. A qualidade da consciência, na sua imediaticidade, e tão tenra que não podemos sequer tocá-la sem estragá-la.

Por exemplo: aí esta você, em algum lugar, provavelmente sentado, lendo este livro. Torne agora o que esta em sua consciência em qualquer um dos seus simples momentos. Há primeiro uma consciência geral da vida. Então, há a reunião de pequenas sensações epidérmicas de sua roupa. Há, então, o senso da qualidade geral do lugar em que você está. Há também a consciência de estar só, se estiver só. Então, há a luz, uma sensação muito vaga do cheiro e da temperatura do ambiente e do seu corpo, um certo gosto na boca... Então, as letras impressas neste livro as quais, em qualquer um dos instantes, serão a mera apreensão de um simples traço. Há, ainda, um conjunto de noções, o provável sentimento de estar compreendendo o que estou tentando lhe transmitir. Em adição, há centenas de coisas no fundo de sua consciência: lembranças vagas, desejos indiscerníveis, sentimentos gerais de estar mais ou menos bem ou de estar mais ou menos mal. Sua vida inteira esta aí com você em cada lapso de instante em que você está existindo.

Esse é o melhor modo em que posso descrever o que está em sua consciência num simples momento. Mas levei considerável tempo e usei muitas palavras para descrevê-lo. Impossível, pois, capturar o que está em sua mente tal como esta, visto que tento capturar justamente a consciência *in totum* de uma presentidade. Pela natureza mesma do

pensamento e da linguagem, sou obrigada a quebrar sua consciência em pedaços para descrevê-la. Isso requer reflexão e a reflexão ocupa tempo.

A consciência de um momento, contudo, como ela esta naquele exato momento, não é reflexionada nem quebrada em pedaços. Como eles estão naqueles pequenos momentos, todos os elementos de impressão estão juntos e são um único sentimento indivisível e sem partes. O que foi destilado pela fragmentação descritiva, como sendo partes do sentimento, não são realmente partes desse sentimento como ele está no exato momento em que está presente; elas são o que aparece como tendo estado lá, quando refletimos sobre o sentimento, depois que ele passou. Como ele é sentido, no momento em que lá esta essas partes não são reconhecidas e, portanto, essas partes não existem no sentimento ele mesmo.

Nessa medida, o primeiro (Primeiridade) e presente e imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque, se velho, já é um segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. Ele precede toda síntese e toda diferenciação; ele não tem nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de uma outra coisa. Pare para pensar nele e ele já voou.

O que é o mundo para uma criança em idade tenra, antes que ela tenha estabelecido quaisquer distinções, ou se tornado consciente de sua própria existência? Isso é primeiro, presente, imediato, fresco, novo, iniciante, original, espontâneo, livre, vivido e evanescente. Mas não se esqueça: qualquer descrição dele deve necessariamente falseá-lo.

Mas o que quer isso dizer? Que não existe para nos, adultos, senão a nostalgia de uma experiência de Primeiridade? Estamos para sempre fadados à perda irre recuperável desse sabor do viver? Não, em termos. O fato de que essa experiência não possa ser descrita não significa, em primeiro lugar, que não possa ser indicada ou imaginativamente criada.

Em segundo lugar, isto é o mais importante, de qualquer coisa que esteja na mente em qualquer momento, há necessariamente uma consciência imediata e conseqüentemente um sentimento. Qualidades de sentimento estão, a cada instante, lá, mesmo que imperceptíveis. Essas qualidades não são nem pensamentos articulados, nem sensações, mas parte constituinte das sensações e do pensamento, é qualquer coisa que esteja imediatamente presente em nossa consciência.

Há instantes fugazes, entretanto, e nossa vida está prenhe da possibilidade desses instantes, em que a qualidade de sentir assoma como um lampejo, e é como se nossa consciência e o universo inteiro não fossem, naquele lapso de instante, senão uma pura qualidade de sentir.

Embora qualidade de sentimento só possa se dar no instante mesmo de uma impressão não analisável e incapturável, ou seja, num simples átimo, esse momento de impressão, dependendo do estado em que a consciência se encontra, pode se prolongado.

Levantemos, por exemplo, algumas instâncias de qualidades de sentir ao imaginarmos um estado mental caracterizado por uma simples qualidade positiva: o sabor do vinho, a



qualidade de sentir amor, perfume de rosas, uma dor de cabeça infinita que não nos permite pensar nada, sentir nada, a não ser a qualidade da dor. Um instante eterno, sem partes, indiscernível de prazer intenso ou a sutil qualidade de sentir quando vamos gentilmente acordando, dóceis, ao som de uma música.

Tratam-se de estados de disponibilidade, percepção cândida, consciência esgarçada, desprendida e porosa, aberta ao mundo, sem lhe opor resistência, consciência passiva, sem eu, liberta dos policiamentos do autocontrole e de qualquer esforço de comparação, interpretação ou análise. Consciência assomada pela mera qualidade de um sentimento positivo, simples, intraduzível.

Note-se, contudo, que Peirce tem uma precaução de não confundir a qualidade de sentimento de uma cor vermelha, por exemplo, de um som ou de um cheiro, com os próprios objetos percebidos como vermelhos, sonantes ou cheirosos. Consciência em primeiridade e qualidade de sentimento e, por isso mesmo, e primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos. Qualidade de sentir e o modo mais imediato, mas já imperceptivelmente medializado de nosso estar no mundo. Sentimento e, pois, um quase-signo do mundo: nossa primeira forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada de predicação das coisas.

Esse estado-quase, aquilo que e ainda possibilidade de ser, deslança irremediavelmente para o que já e, e no seu ir sendo, já foi Entramos no universo do segundo.

## **Segundidade**

Há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela segundidade. Esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente. É a arena da existência cotidiana. Estamos continuamente esbarrando em fatos que nos são externos, tropeçando em obstáculos, coisas reais, factivas que não cedem ao mero sabor de nossas fantasias. Enfim: a pedra no meio do caminho de que nos fala Carlos Drummond de Andrade.

O simples fato de estarmos vivos, existindo, significa, a todo o momento, consciência reagindo em relação ao mundo. Existir é sentir a ação de fatos externos resistindo a nossa vontade. E por isso que, proverbialmente, os fatos são denominados brutos: fatos brutos e abruptos. Existir e estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaços particulares, confrontar-se com outros corpos...

Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (segundidade) está nessa corporificação material.

A qualidade de sentimento não é sentida como resistindo num objeto material. É puro sentir, antes de ser percebido como existindo num eu. Por isso, meras qualidades não resistem. É a matéria que resiste. Por conseguinte, qualquer sensação já é segundidade:

ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica, comoção do eu para com o estímulo.

Sentimento ou impressão indivisível e sem partes, qualidade simples e positiva, mero tom de consciência e primeiro. Não se confunde com sensação, pois esta, tem duas partes: 1) o sentimento e 2) a força da inerência desse sentimento num sujeito. Qualquer relação de dependência entre dois termos e uma relação diádica, isto é, secundidade.

Quando qualquer coisa, por mais fraca e habitual que seja, atinge nossos sentidos, a excitação exterior produz seu efeito em nós. Tendemos a minimizar esse efeito porque nossa resposta a ele é, no mais das vezes, indiscernível. E o nosso estar como que natural no mundo, corpos vivos, energia palpitante que recebe e responde. No entanto, quaisquer excitações, mesmo as viscerais ou interiores, imagens mentais e sentimentos ou impressões, sempre produzem alguma reação, conflito entre esforço e resistência. Segue-se que em toda experiência, quer seja de objetos interiores ou exteriores, há sempre um elemento de reação ou segundo, anterior a mediação do pensamento articulado e subsequente ao puro sentir.

Esse elemento diádico da experiência penetra cada instante de nosso mundo interior. Estar acordado já é uma consciência de reação, que não se confunde com cognição, pois sua apreensão se dá através da percepção direta, anterior ao pensamento. Mero estado de alerta, consciência do eu que só nos é dada através da consciência do outro, daquilo que não é eu. Consciência dupla, bipolar. Tornamo-nos conscientes de nós mesmos ao nos tornarmos conscientes do não-eu. Binariedade pura. Oposição ou confronto que aparece até mesmo no senso de externalidade, da presença de um não-ego, de algo fora de nós que acompanha qualquer percepção que temos das coisas e que nos ajuda a distingui-la de um sonho, devaneio ou de uma alucinação.

Há momentos, entretanto, em que esse estado duplo de uma mesma consciência torna-se dominante e proeminente. Então, a descrição de seus caracteres aparece-nos de modo mais preciso. São os estados de choque, surpresa, luta e conflito profundo que acompanham todas as percepções inesperadas.

Esperávamos uma coisa ou passivamente a tomávamos como garantida, tínhamos a imagem dela em nossas mentes, mas a experiência, intrusa e forasteira, brutalmente empurra aquela idéia para o fundo e nos impele a pensar de modo diferente.

Tendemos a identificar o nosso ego com o estado anterior e a sentir o não-ego como tudo aquilo que avança sobre nós, ou sobre o qual nós mesmos avançamos, violando a inércia daquele estado anterior. Esta noção de ser aquilo que outras coisas nos fazem ser e parte tão proeminente de nossa vida que concebemos outras coisas como existindo em virtude de suas reações umas contra as outras.

Daí que seja para estados de luta, fricção entre duas coisas, que Peirce tenha encontrado uma aplicação otimizada para o termo experiência. Experimentamos vicissitudes, especialmente. E a compulsão, a absoluta coação sobre nós de alguma coisa que interrompe o fluxo de nossa quietude, obrigando-nos a pensar de modo diferente daquilo que estivemos pensando, que constitui a experiência.

Ora, coação e compulsão não podem existir sem resistência, e resistência e esforço se

opondo a mudança. Portanto, deve haver um elemento de força bipolar na experiência e é isso que dá a ela seu caráter peculiar.

Experiência é o curso da vida. O mundo e aquilo que a experiência nele inculca. E experiência em nós e aquilo que o fluxo de nossa vida nos impeliu a pensar. E por isso que a experiência, o não-ego, o outro constituem-se no verdadeiro pivô do pensamento, aquilo que move o pensar, retirando-o do círculo vicioso do amortecimento.

Falar em pensamento, no entanto, é falar em processo, mediação interpretativa entre nós e os fenômenos. E sair, portanto, do segundo como aquilo que nos impulsiona para o universo do terceiro.

Antes de penetrarmos no devir incessante do pensamento como representação interpretativa do mundo, que fique claro que nossas reações à realidade, interações vivas e físicas com a materialidade das coisas e do outro, já se constituem em respostas sígnicas ao mundo, marcas materiais perceptíveis em maior ou menor grau que nosso existir histórico e social, circunstancial e singular vai deixando como pegadas, rastros de nossa existência.

Agir, reagir, interagir e fazer são modos marcantes, concretos e materiais de dizer o mundo, interação dialógica, ao nível da ação, do homem com sua historicidade.

## **Terceiridade**

Três elementos constituem todas as experiências. Eles são as categorias universais do pensamento e da natureza.

Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade e um componente do segundo.

Segundidade é aquilo que dá a experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.

Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde a camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, e um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva - o azul no céu, ou o azul do céu, e um terceiro.

Algumas das idéias de terceiridade que, devido a sua importância na filosofia e na ciência, requerem estudo atento são: generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Mas a mais simples idéia de terceiridade e aquela de um signo ou representação. E está diz respeito ao modo, o mais proeminente, com que nós, seres

simbólicos, estamos postos no mundo.

Diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isto, já ao nível do que chamamos de percepção. Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, e interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido.

Nessa medida, o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação sîgnica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e assentimento diante das coisas que só o signo permite.

*O homem só conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação, que Peirce denomina interpretante da primeira. Daí que o signo seja uma coisa de cujo conhecimento depende do signo, isto é, aquilo que é representado pelo signo. Daí que, para nós, o signo seja um primeiro, o objeto um segundo e o interpretante um terceiro. Para conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos.*

Em síntese: compreender, interpretar e traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto, pois só podemos pensar um pensamento em outro pensamento. E porque o signo está numa relação a três termos que sua ação pode ser bilateral: de um lado, representa o que está fora dele, seu objeto, e de outro lado, dirige-se para alguém em cuja mente se processara sua remessa para um outro signo ou pensamento onde seu sentido se traduz. E esse sentido, para ser interpretado tem de ser traduzido em outro signo, e assim, *ad infinitum*.

O significado, portanto, é aquilo que se desloca e se esquia incessantemente. O significado de um pensamento ou signo é um outro pensamento. Por exemplo: para esclarecer o significado de qualquer palavra, temos que recorrer a uma outra palavra que, em alguns traços, possa substituir a anterior. Basta folhear um dicionário para que se veja como isto, de fato, é assim.

Eis aí, num mesmo nó, aquilo que funda a miséria e a grandeza de nossa condição como seres simbólicos. Somos no mundo, estamos no mundo, mas nosso acesso sensível ao mundo é sempre como que vedado por essa crosta sîgnica que, embora nos forneça o meio de compreender, transformar, programar o mundo, ao mesmo tempo usurpa de nós uma existência direta, imediata, palpável, corpo a corpo e sensual, com o sensível.

Contudo, repensemos o problema. Se nossa condição de tradutores de um pensamento em outro pensamento funda a natureza mesma do que chamamos consciência interpretativa, então as categorias de primeiridade (sentimento) e de secundidade (conflito) estariam fadadas ao evanescimento irreversível, sempre embolsadas dentro da categoria do terceiro ou interpretação?

Em primeiro lugar, esses três possíveis estados da mente não podem ser entendidos como dados estanques. Disse Peirce: Nenhuma linha firme de demarcação pode ser desenhada entre diferentes estados integrais da mente, isto é, entre estados tais como

sentimento, vontade e conhecimento. E claro que estamos ativamente conhecendo em todos os nossos minutos de vigia e realmente sentindo também. Se não estamos sempre querendo, estamos pelo menos, a todo o momento, com a consciência reagindo em relação ao mundo externo. Em suma: o que em mim sente esta pensando, diria depois Fernando Pessoa.

Em segundo lugar, a camada do pensamento interpretativo, pensamento sob autocontrole, e apenas a camada mais superficial, mais à tona da consciência. Essa camada, no entanto, pode, a qualquer momento, ser quase que fendida subvertida pela pregnância de uma mera qualidade de sentir ou pela invasão de um conflito: instancias de um lampejo ou lapso de tempo que fissuram a remessa incessante de signo a signo da racionalidade interpretadora.

Tratam-se de instâncias, portanto, em que a abstração cognitiva é quase fendida e a consciência encontra um ponto tangencial em que é corpo do mundo e no mundo, instante indiscernível e intraduzível de maior proximidade física e viva da consciência com o fenômeno apreendido.

Nessa medida, para nós tudo e signo, qualquer coisa que se produz na consciência tem o caráter de signo. No entanto, Peirce leva a noção de signo tão longe a ponto de que um signo não tenha necessariamente de ser uma representação mental, mas pode ser uma ação ou experiência, ou mesmo uma mera qualidade de impressão.

O sentimento ou qualidade de impressão e um quase-signo porque já funciona como um primeiro, vago e impreciso predicado das coisas que a nos se apresentam. A ação ou experiência também pode funcionar como signo porque se apresenta como resposta ou marca que deixamos no mundo, aquilo que nossa ação nele inculca.

Aí estão enraizadas na fenomenologia as bases para a Semiótica, pois é justo na terceira categoria fenomenológica que encontramos a noção de signo genuíno ou triádico, assim como e nas segunda e primeira categorias que emergem as formas de signos não genuínos, isto é, as formas quase-sígnicas da consciência ou linguagem.